

Vivian Maier: um estudo sobre a teoria de presença na fotografia contemporânea

Vivian Maier: un estudio de la teoría de la presencia en la fotografía contemporánea

Vivian Maier: A Study of Presence Theory in Contemporary Photography

Matheus Tagé¹ e Vicente Gosciola²

Resumo

O objetivo deste estudo é discutir o trabalho da fotógrafa Vivian Maier e suas implicações no contexto contemporâneo. A linguagem e a presença construída a partir da narrativa fotográfica da fotógrafa em paralelo à efemeridade da produção de imagens virtuais e a fotografia mobile. Observar a realidade da pós-fotografia e suas relações com a materialidade da imagem fotográfica hoje.

Palavras-chave

Narrativa; fotografia; produção de presença; Vivian Maier; materialidade;

Resumen

El objetivo deste estudio es discutir el trabajo de la fotógrafa Vivian Maier y sus implicaciones como referencia en el contexto contemporáneo. La lenguaje fotográfica y la presencia construída desde sus narrativas de imágenes em paralelo a la efemeridad de la producción de

¹ Mestre e Doutorando (bolsista CAPES) em Comunicação pelo PPGCOM da Universidade Anhembi Morumbi. É jornalista e fotógrafo. Professor de Comunicação da Universidade São Judas Tadeu – Campus Unimonte, da Universidade Paulista, e professor-convidado (em 2019) da Universidade de São Paulo – DIGICORP (Pós-graduação em Gestão de Comunicação Digital).

² Pós-doutor pela Universidade do Algarve-CIAC, Portugal. Doutor em Comunicação pela PUC-SP. Mestre em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi. É professor, pesquisador, consultor e realizador. Autor do livro Roteiro para as Novas Mídias: do Cinema às Mídias Interativas (3ª. ed. rev. e ampl. Senac, 2010). Professor-convidado (em 2010) na Escuela Internacional de Cine y TV San Antonio de los Baños.

Recibido: 30 de junio de 2019
Aceptado: 1 de septiembre de 2019
Publicado: 23 de diciembre de 2019

imágenes virtuales y de la fotografía móvil. Comprender la realidad pos-fotográfica y sus relaciones con la materialidad de la fotografía hoy.

Palabras clave

Narrativa; fotografía; producción de presencia; Vivian Maier; materialidad

Abstract

This study objective is discuss Vivian Maier photographic work and its implications in the contemporary context. The language and presence starting with Vivian´s photographic storytelling seen under the lens of the aesthetic of the ephemeral, with virtual images production and mobile photos. Observing the post photography reality and its relations with the materiality.

Keywords

Narrative; Photography; presence production; Vivian Maier; materiality

Introdução

Este artigo vislumbra discutir o trabalho da fotógrafa Vivian Maier e suas implicações no campo teórico do estudo de comunicação. Observar as imagens como fragmentos antropológicos e históricos, a intensidade com que esses registros propiciaram uma narrativa expandida da personagem histórica, e em paralelo, a influência da sua linguagem na imagem contemporânea. Além disso, este trabalho propõe observar sua contribuição enquanto referencial para a fotografia, em um período em que se amplifica a questão da efemeridade das imagens, e simultaneamente, a necessidade de imersão do fotógrafo, através dos selfies e cada vez mais, no contexto das redes sociais. A observação dos conceitos de *stimmung*, presença, latência e atmosfera – propostos por Hans Ulrich Gumbrecht - nas imagens captadas por Vivian, refletem um ar bastante sugestivo para repensarmos a fotografia hoje.

Desenvolvimento: Vivian Maier, um nome no envelope

A americana Vivian Maier (1926 - 2009) possui uma história muito interessante do ponto de vista narrativo. Ela pertence ao espaço de personagens reais que flertam diretamente com o conceito de ficção do cinema. O súbito aparecimento de negativos encontrados pelo corretor de imóveis John Maloof³, numa casa de Leilão em 2007, fez com que a qualidade técnica das imagens provocasse nele a necessidade de se buscar pela fotógrafa, dona uma das melhores obras fotográficas do século XX. O nome nos envelopes, era de uma babá que havia vivido e trabalhado nos Estados Unidos, e que produziu um número espetacular de imagens do cotidiano das cidades de Nova York e Chicago no período do pós-Guerra, a partir de suas saídas e passeios enquanto cuidava de crianças.

O que fatalmente chama atenção nas imagens é o caráter técnico e estético de Fotografia. De fato, quem produziu as imagens, provavelmente deveria ter tomado conhecimento, ou foi influenciada de alguma forma pelos padrões de linguagem de fotógrafos como Henri Cartier Bresson ou Robert Dousneau, com certa porção de voyerismo de Alfred Hitchcock, na medida exata para transformar pequenos fragmentos do cotidiano em imagens emblemáticas capazes

³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/06/1469934-a-descoberta-do-tesouro-vivian-maier.shtml>

de trazer em sua materialidade a latência do passado em que foi registrada.

Figura 1: Autorretrato de Vivian Maier



Fonte: Disponível em <http://www.vivianmaier.com/gallery/self-portraits/#slide-1>

De fato, para falar de Vivian Maier, temos que pensar no contexto de diferentes temporalidades. Existe o tempo em que a imagem foi registrada, que está de certa forma materializado em nossa experiência midiática. Filmes, fotografias, registros e jornais que refletem uma perspectiva histórica pautada na documentação do período. E existe o tempo, dentro da imagem de Vivian Maier, que foge da pauta jornalística da época. O tempo baseado na perspectiva de quem observa a história não como documento ou matéria de jornal, mas como sua própria realidade, o tempo que ela aceita fazer parte, e não olha com distanciamento, como a maioria dos registros propõe. Ela habita aquela realidade, faz parte dela, e como tal, seus autorretratos contemplam essa necessidade de se colocar na imagem do seu próprio tempo. E como fotógrafa, registra com o olhar de quem pertence ao espaço fotografado, o que a diferencia do olhar jornalístico convencional. As imagens são autorais, no sentido mais amplo do termo, os registros mostram a linguagem e a assinatura de Vivian Maier e todas as suas circunstâncias, no contexto que busca mostrar.

Argumentação: Vivian Maier e as imagens do contemporâneo

"There is no evidence that Vivian Maier ever used a digital camera or the Internet, but it is safe to say that her emergence would not have occurred without today's technology" (Bannos, p.17, 2017). Dentro desta perspectiva histórica do registro de Vivian Maier, nota-se que sua vida e obra, podem gerar uma percepção importante do paradoxo da

imagem. Explico: ao mesmo tempo em que se aplica tecnicamente para concepção da imagem fotográfica perfeita, a fotógrafa se esquivava de publicá-las, de enviar para jornais, exposições, ou de ampliar as imagens, e mostrar para o público. Há uma questão importante nesta perspectiva, desta forma a pergunta retórica é inevitável: ela pensava pós-fotograficamente? Vamos tratar deste assunto em frente.

Para começar a detalhar esta questão, podemos observar uma fala de um dos mais importantes fotógrafos brasileiros e do mundo, Sebastião Salgado, em entrevista ao jornal El País⁴: “Hoje, com um celular são feitas imagens de uma qualidade incrível, mesmo que isso não seja fotografia. É uma linguagem de comunicação, mas a fotografia é algo que você toca, guarda”. Dentro desta aceção de Sebastião Salgado, podemos observar a diferença entre as definições de imagem enquanto fotografia e da imagem virtual enquanto fotografia mobile, por exemplo. Esta última, se propõe a não se materializar enquanto objeto físico - a imagem fotográfica impressa ampliada - mas habita apenas o espaço virtual enquanto imagem.

Podemos pensar a fotografia enquanto o simulacro do real, dentro da definição de Jean Baudrillard, neste contexto, a imagem-fragmento substitui, a partir da proliferação do registro digital, a imagem física documental. Neste contexto, tudo é efêmero. “Do mesmo tipo que a impossibilidade de voltar a encontrar um nível absoluto do real é a impossibilidade de encenar a ilusão. A ilusão já não é possível, porque o real já não é possível” (Baudrillard, p. 29, 1991). A partir da problemática do simulacro, visto sob a perspectiva fotográfica, podemos considerar então que, na prática, a conceituação de Salgado sobre a Fotografia defende a materialidade física, porém, no contexto da representação, tanto a imagem com fins de impressão e voltada ao espectador, quanto a imagem-fluxo, feita efemeramente por um aparelho celular – publicada ou não nas redes sociais - registram a mesma coisa: o simulacro.

Podemos considerar ainda, no trabalho de Vivian Maier a presença estética da fotografia de rua de Bresson – autor que revolucionou a fotografia de rua enquanto representação estética da realidade - enquanto flerta com a experiência cinematográfica, ao retratar personagens que parecem ficcionais, e até mesmo estereotipados, quase como se tivessem saído da tela do cinema. Este ponto revela de certa

⁴ Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/20/eps/1558350781_612997.html

forma que a fotógrafa possuía algum tipo de experiência estética da imagem. Suas representações fotográficas parecem pautadas nas simulações de personagens de outras mídias.

Figura 2: Cena em Nova York



Fonte: <http://www.vivianmaier.com/gallery/street-1/#slide-14>

O enigma de Vivian Maier nos mostra a seguinte problematização: ela registra com linguagem fotográfica, mas em vida deteve a proliferação física da sua fotografia. Neste ponto, a questão de pensar pós-fotograficamente pode ser discutida. Por não focar no receptor, Vivian não completa o processo de comunicação. Para entendermos o significado de pós-fotografia, podemos considerar o conceito de Joan Fontcuberta.

Ainda confusos pela dissolução da verdade e da memória, temos que agradecer que selfies como a do macaco de Slater nos ajudem a entender a pós-fotografia como uma prática que aproveita a imaginação dominada pela propaganda, pela indústria da mídia e pelo consumo. (Fontcuberta, p. 44, 2016)

Fontcuberta se refere a imagem *selfie* registrada por um macaco em 2011. A questão sobre o direito autoral desta fotografia revelou-se um

problema jurídico⁵ para o fotógrafo David Slater e uma organização de proteção aos animais. Mas do ponto de vista técnico desta discussão, vamos nos ater a tentar entender se este registro é fotografia, ou não. Ou se cabe a isto a designação de pós-fotografia.

Figura 3: Selfie do macaco Naruto, feita em 2011.



Fonte: Wild Monkey/David Slater/Caters News

No conceito de Joan Fontcuberta, a pós-fotografia começa a partir do momento em que a imagem deixa de servir como documentação histórica, e passa a ser usada como objeto do fluxo de comunicação. Neste sentido, as imagens passam a ser trocadas, compartilhadas, consumidas e descartadas. Nesse reflexo contemporâneo, a própria identidade se camufla atrás da efêmera exposição. Ao compartilhar um selfie, ou um registro, no instagram, por exemplo, há toda uma encenação que ao mesmo tempo em que se enquadra um momento, uma pessoa, ou um lugar, a imagem recorta o restante para fora do quadro. O fato é, pela proliferação das imagens-fluxo, nossa noção de mundo é permeada mais pela representação do que pela realidade - a vivência é substituída pelo registro subjetivo. A obra de Vivian Maier flerta neste sentido com a pós-fotografia, por nos oferecer um retrato imersivo que nos convida a entender seu contexto, a partir

⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/disputa-em-torno-de-selfie-de-macaco-che-ga-ao-fim.ghtml>

do que é mostrado na fotografia, e não o que é escondido, ao mesmo tempo em que dialoga com a estética da linguagem fotográfica. Existe em sua obra uma linha tênue entre o registro histórico objetivo e a imersão na linguagem fotográfica e subjetiva.

Sobre esse contexto, podemos considerar algumas propostas de entendimento acerca da imagem fotográfica. Desta maneira, podemos observar a obra da autora enquanto um conjunto de fragmentos que remontam a história a partir de uma perspectiva antropológica imersiva de Vivian Maier em seu contexto (no caso os Estados Unidos da América no período pós-Guerra), e ao mesmo tempo, revelam a ânsia por assinar as imagens a partir de sua figura em espelhos e reflexos. Neste ponto então, se colocando enquanto registro, a fotografia se distancia do aspecto de imagem efêmera.

O conceito de realidade fotográfica, ou ainda, o registro fotográfico é discutido no trabalho de Susan Sontag. Nesta proposta, as imagens de Vivian podem ser entendidas enquanto suas interpretações pessoais da realidade. Uma análise única de seu próprio contexto, mesmo que não visasse – até onde sabemos – a publicação das imagens.

Tais imagens são de fato capazes de usurpar a realidade porque, antes de tudo, uma foto não é apenas uma imagem (como uma pintura é uma imagem), uma interpretação do real; é também um vestígio, algo diretamente decalcado do real, como uma pegada ou uma máscara mortuária. (Sontag, p. 86, 2004)

A presença de Vivian Maier nas fotografias se dá não apenas nos autorretratos em que se coloca na imagem, mas também em sua capacidade de registrar cenas sob um olhar voyeurístico. As fotos revelam não somente uma perspectiva imersiva da sua realidade histórica, mas também nos provocam a entender o lugar de Vivian em meio a esse contexto. Ela se coloca como personagem ao dirigir o olhar de quem posa, e ao mesmo tempo, provoca uma experiência dentro da realidade fotografada.

Figura 4: Retratos de crianças



Fonte: Disponível em <http://www.vivianmaier.com/gallery/street-1/#slide-16>

Na imagem acima, embora a fotógrafa não esteja dentro do quadro, ela ocupa evidentemente o contracampo da fotografia, não apenas por estar registrando a fotografia, mas por estar inserida na cena, como se conversasse com as crianças, que a olham de forma natural. A partir deste ponto, pode-se observar a fotografia de Vivian Maier, enquanto uma ferramenta importante para observarmos traços e informações que propõe uma espécie de experiência imersiva – e virtual – da sua realidade histórica.

De fato, a importância das imagens fotográficas como o meio pelo qual cada vez mais eventos entram em nossa experiência é, por fim, apenas um resultado de sua eficiência para fornecer conhecimento dissociado da experiência e dela independente. (Sontag, p. 87, 2004)

Esta capacidade da fotografia de fornecer conhecimento, ou informação, em detrimento da experiência, ou vivência, é um traço importante do conceito do registro técnico da imagem. Sontag ainda provoca o pensamento da fotografia enquanto uma relação específica entre realidade e sua representação fotográfica, como se o fotógrafo entrasse de forma secundária nesta dinâmica.

A fotografia tem poderes que nenhum outro sistema de imagem jamais desfrutou porque, à diferença dos anteriores, ela não é dependente de um criador de imagens. Por mais cuidadosamente que o fotógrafo intervenha para preparar e orientar o processo de criação de imagem, o próprio

processo permanece como um processo óptico-químico (ou eletrônico), cujas operações são automáticas, cujos mecanismos serão inevitavelmente modificados a fim de proporcionar mapas do real ainda mais detalhados e, por conseguinte, mais úteis. (Sontag, p. 88, 2004)

Sontag dialoga com os aspectos da pós-fotografia, quando se refere a imagem como ferramenta independente do fotógrafo, mas a experiência das imagens de Vivian Maier nos sugere que, embora sua fotografia não fosse pensada para ser publicada, seus registros seguem uma racionalização bastante pessoal de linguagem. Neste contexto, a fotógrafa é um agente definitivo da captação e do resultado de suas imagens, algo que, de acordo com Boris Kossoy, flerta com o entendimento dos elementos constitutivos da fotografia.

Três elementos são essenciais para a realização de uma fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia. São estes os elementos constitutivos que lhe deram origem através de um processo, de um ciclo que se completou no momento em que o objeto teve sua imagem cristalizada na bidimensão do material sensível, num preciso e definido espaço-tempo. (Kossoy, p. 27, 2001)

A presença destes elementos constitutivos em sua obra viabiliza o conceito da fotografia presente no trabalho de Vivian Maier. A linguagem técnica, por outro lado, advém da própria experiência estética da fotógrafa, com apurado senso artístico. Observa-se este viés de arte, na construção rigorosamente geométrica e na composição influenciada pelo trabalho de Henri Cartier Bresson. Cenas inusitadas de um olhar extremamente apurado, sempre atento ao instante decisivo⁶ da fotografia.

⁶ Para Villém Flusser, no livro *Filosofia da Caixa Preta*, a fotografia não é capaz de registrar processos, mas, através da leitura da cena, o fotógrafo se move como um caçador ao ponto de conseguir em um único milésimo de segundo representar todo o acontecimento a partir da representação estática da imagem. Este conceito revela uma leitura possível do "instante decisivo" de Bresson, que é o momento da cena que nunca mais poderá existir, mas que cabe ao fotógrafo enxergar e separá-lo da dimensão da realidade, através do clique, e assim decodificá-lo enquanto representação do processo real que busca registrar.

Figura 5: Cena de rua em Nova York

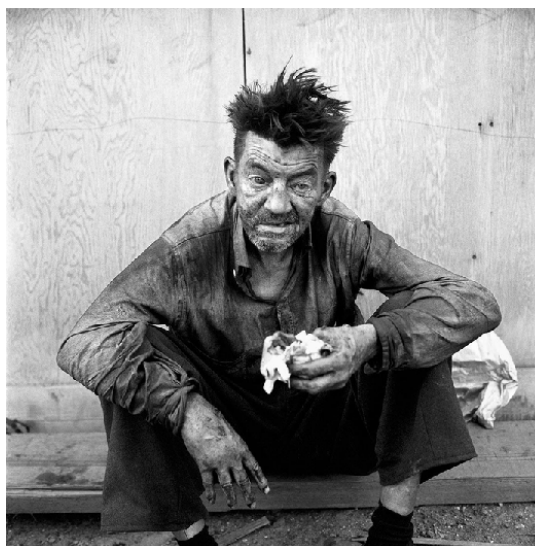


Fonte: Disponível em: <http://www.vivianmaier.com/gallery/street-5/#slide-1>

A importância do registro fotográfico de Vivian Maier se dá também, como uma observação cotidiana de um ambiente visto por dentro. Esta constatação nos remete a uma latência, vista da perspectiva de Hans Ulrich Gumbrecht, em que se é possível trazer sensorialmente à observação da imagem, uma série de experiências históricas e representações que vão além da leitura semiótica. Neste ponto, a experiência da imagem se dá num campo não-hermenêutico, que nos traz uma ambiência e uma atmosfera muito específicos. Um olhar de dentro de uma organização social em reconstrução, com ruas sujas, desordem, pessoas com semblante carregado de sofrimento, pobreza, e ao mesmo tempo, e ironicamente, uma burguesia em ascensão.

Ler com a atenção voltada ao *Stimmung* sempre significa prestar atenção à dimensão textual das formas que nos envolvem, que envolvem nossos corpos, enquanto realidade física - algo que consegue catalisar sensações interiores sem que questões de representação estejam necessariamente envolvidas". (Gumbrecht, p.14, 2014)

Figura 6: Retrato em Nova York



Fonte: Disponível em <http://www.vivianmaier.com/gallery/street-1/#slide-43>



Fonte: <http://www.vivianmaier.com/gallery/street-2/#slide-9>

É possível entender o olhar da fotógrafa, muitas vezes irônico, em que retrata o olhar trágico e triste de alguns personagens, e ao mesmo tempo, a arrogância do olhar de outros, o que revela um abismo social dentro de seu contexto histórico. A importância do seu registro fotográfico imersivo se dá, pois, longe das obrigações de uma pauta jornalística para publicação em revista ou jornal, o trabalho de Vivian Maier é pessoal, as percepções e julgamentos são totalmente

subjetivos em sua obra, é o relato da história dentro de sua própria narrativa biográfica.

Toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente. Se, por um lado, este artefato nos oferece indícios quanto aos elementos constitutivos (assunto, fotógrafo, tecnologia) que lhe deram origem, por outro, o registro visual nele contido reúne um inventário de informações acerca do preciso fragmento de espaço/tempo retratado. (Kossoy, p. 45, 2001)

Dentro desta afirmação de Kossoy, podemos pensar a fotografia de Vivian Maier como um processo de extensão de sua vivência. As atmosferas trágicas, cotidianas, e principalmente, a forma como a fotógrafa reage e interage com o ambiente, revelam uma linguagem única. E em paralelo, revelam a perspectiva do tempo histórico que habita.

Há que se comparar a arte de Vivian Maier à experiência da vivência física a partir do registro técnico, algo que Gumbrecht observa na obra de Janis Joplin, e relaciona essa ideia ao seu conceito de *Stimmung* da obra. Para além das interpretações de signos, o estímulo visual, assim como o sonoro, produzido tecnicamente é capaz de nos provocar as mais variadas sensações e percepções físicas, nos conduzir camadas de representações que dialogam com nossas subjetivas aptidões sinestésicas, algo que independe da leitura de significados. Para o autor, “as palavras, a voz e os instrumentos geram algo, cuja essência, semelhante a uma laboriosa narrativa, desafia o total entendimento” (Gumbrecht, p. 122, 2014).

A experiência das imagens de Vivian Maier, com a música de Janis Joplin, pode parecer distante, porém é única a relação que cada um estabelece com sua obra. A interpretação vocal de Janis Joplin flerta com a linguagem imersiva e estética de Vivian. E de certa forma, podemos entendê-las enquanto protagonistas da realidade que seus registros representam. As personagens habitam os espaços de suas obras, e nós, só podemos compreendê-las a partir do registro técnico que produziram. Sua existência está na dimensão virtual das imagens e dos sons. Isso se dá, pelo fato de termos mais de cada uma dentro da obra e do registro, do que necessariamente, na realidade, essas personagens atuam e são prolixas em suas produções no contexto virtual, no imaginário da cultura.

Figura 8: Autorretrato de Vivian Maier



Fonte: Disponível em <http://www.vivianmaier.com/gallery/self-portraits/#slide-14>

O objetivo desta discussão é montar um embasamento teórico para que possamos ampliar a discussão acerca da efemeridade das imagens. A partir da obra de Vivian Maier, pensarmos o papel da Fotografia hoje. Para tal, podemos explicar o contexto da Estética do Efêmero, pela visão de Glucksmann:

La proliferación de las imágenes virtuales en espejos desmultiplicados hasta el infinito engendra una indiscernibilidad total tanto del lugar como de los personajes a imagen del destino" (Glucksmann, p. 43, 2006)

Podemos considerar que esse conceito efêmero de fragmentação de imagens que vivemos hoje, amplificado pelas redes sociais e pelos telefones celulares, revelam de certa forma uma desconstrução do conceito de Fotografia – vendo sob a perspectiva material – mas, ao mesmo tempo, nos mostra uma democratização importante dos meios de produção de conteúdo.

Tal concepção de um novo usuário, misto de consumidor e produtor já estava presente nas reflexões de 1969 de Décio Pignatari (2004, p. 31-32) como o produssumidor e de 1980 de Alvin Toffler (1981, p. 11) como o prosumer." (Gosciola; TAGÉ, p.118, 2018).

Figura 9: Autorretrato de Vivian Maier



Fonte: Disponível em <http://www.vivianmaier.com/gallery/self-portraits/#slide-13>

Dentro desta nova realidade da imagem fotográfica, nos convém observar a importância da obra de Vivian Maier enquanto linguagem, e ao mesmo tempo referência artística, para as novas imagens produzidas até mesmo pelo celular. Assim como Maier, esses trabalhos não buscam a materialização física, mas a presença virtual. No Instagram⁷, cerca de 60 milhões de imagens são postadas por dia, e isso revela um pouco da importância e do engajamento neste tipo de plataforma. O autorretrato, que Vivian produziu demasiadamente, se tornou hoje o selfie, uma composição fotográfica obrigatória nas redes sociais. Em paralelo, podemos considerar que Vivian Maier introduz essa relação de fragmentação da narrativa fotográfica, pelo fato de que ela produziu cerca de 100 mil⁸ negativos fotográficos, com imagens, pessoas, lugares e cenas variadas, um número razoável para o contexto da fotografia analógica, tendo em vista, que ela não era uma fotógrafa profissional.

Há que considerar que a diferença entre Vivian e as imagens atuais do Instagram, pode ser vista de acordo com a dialética da recepção fotográfica. Suas imagens fornecem a concepção de *punctum*, de

⁷ Fonte: <https://exame.abril.com.br/negocios/dino/instagram-15-vezes-mais-interacoes-que-outras-redes-sociais/>

⁸ Fonte: <http://www.vivianmaier.com/about-maloof-collection/>

acordo com Barthes, algo que prende e desestabiliza o receptor, em detrimento das imagens contemporâneas que geram somente a noção do *studium*, obviamente causada pelo alto fluxo de imagens a que estamos acostumados a consumir.

Figura 10: Fotografia em Chicago



Fonte: Disponível em <http://www.vivianmaier.com/gallery/street-4/#slide-12>

Para Barthes, algumas imagens têm a capacidade de gerar uma relação de interesse, ao provocar, ferir, prender a percepção de quem a observa, enquanto outras imagens, podem ser vistas sem que nenhum tipo de interesse seja externado. “O *punctum* de uma fotografia é o acaso que nela me fere” (Barthes, p. 11). Dentro desta leitura de Roland Barthes, observamos que essa provocação latente é uma constante na produção fotográfica de Vivian Maier.

Podemos considerar que este interesse pela produção fotográfica de Vivian Maier se dá por dois aspectos: a linguagem estética e a narrativa biográfica. Por se tratar de imagens que flertam diretamente com a linguagem da fotografia de rua, elas seguem um padrão estilístico de alto nível. Por outro lado, por se tratar de uma personagem que só conhecemos através das representações dentro da dimensão de sua obra, o interesse pela narrativa da fotógrafa nos convida a montar um quebra-cabeças por meio de suas próprias imagens. Em um primeiro momento, isoladamente, cada fotografia nos revela um olhar, uma perspectiva de seu contexto; em outro, o conjunto da obra, nos revela

a dimensão pessoal da personagem Vivian Maier e sua relação com a sua realidade.

Conclusões

Podemos considerar o trabalho de Vivian Maier um importante marco para a Fotografia. Sua percepção da realidade e a perspectiva antropológica que nos revela um contexto histórico, ao mesmo tempo em que se coloca nas cenas, nos mostra uma leitura de mundo muito interessante e subjetiva. O contexto contemporâneo das imagens, as redes sociais, os celulares com câmera, se relacionam, com seu trabalho pelo fato de fragmentarem narrativas através da imagem fotográfica, e de provocarem a imersão.

A estética do efêmero, de acordo com Glucksmann, se revela presa nas imagens sincrônicas do presente. E por este motivo, no contexto contemporâneo, a obra de Vivian Maier parece ser uma fonte de referências de linguagem fotográfica para produção e proliferação de imagens. Consideramos o paradoxo da produção de Vivian Maier, o fato de produzir e não materializar as imagens, como um primeiro aspecto de reflexão da fotografia. Observamos ainda, a linguagem fotográfica e as atmosferas imersivas na obra de Maier, como um importante registro histórico, capaz de revelar nuances inéditas do contexto social que habita, ao mesmo tempo em que revela sua personalidade.

Assim sendo, este artigo, buscou trazer a importância da personagem Vivian Maier e o seu poder de produção de presença, criando uma narrativa histórica e pessoal, contada a partir do contexto e da estética das suas imagens. Mesmo que, em vida, nunca tivesse procurado apresentar seu trabalho, esse fato revela ainda mais uma personalidade instigante e enigmática da fotógrafa. A presença, de acordo com o conceito de Gumbrecht, se coloca determinada a partir da latência que emerge das imagens de Vivian Maier, estabelecendo uma dinâmica sinestésica que permeia as representações das questões estéticas que conformam sua linguagem fotográfica, o relato imersivo de seu contexto histórico, e as circunstâncias que remontam, a partir destes fragmentos de imagens da obra, a sua própria narrativa biográfica.

Referências Bibliográficas

- Bannos, Pamela. *Vivian Maier: a photographer's life and afterlife*. Chicago: University of Chicago, 2017.
- Barthes, Roland. *A Câmara Clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984
- Baudrillard, Jean. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'água, 1991.
- Buci-Gluksmann, Christine. *Estética de lo efímero*. Madrid: Arena, 2006.
- Flusser, Vilém. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- Fontcuberta, Joan. A pós-fotografia explicada aos macacos. *PORTO ARTE*. Porto Alegre: PPGAV/UFRGS, v. 21, n. 35, maio 2016.
- Gosciola, Vicente; TAGÉ VERISSIMO RIBEIRO, Matheus. Mediatización por los jóvenes en la expansión narrativa del Universo Cinemático Marvel. Chasqui. *Revista Latinoamericana de Comunicación*. N.º 137, abril-julho 2018 (Sección Monográfico, pp. 111-128)
- Gumbrecht, Hans Ulrich. *Produção de presença*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC, 2010.
- Atmosfera, ambiência, stimmung: sobre um potencial oculto da literatura*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2014.
- s.a. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. São Paulo: EdUNESP, 2015.
- s.a. Experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARÃES, Cesar; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos (Orgs.) *Comunicação e experiência estética*. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 50-63.
- Kossoy, Boris. *Fotografia & História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- Maier, Vivian; MALOOF, John; DYER, Geoff. *Vivian Maier: Street Photographer*. Brooklyn: powerHouse, 2011.
- Maloof, John; Greenberg, Howard. *Vivian Maier: A Photographer Found*. New York: Harper Design, 2014.
- Sontag, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.